



A PERNAMBUCANIDADE NOS LIMITES DO URBANO E DO DIGITAL¹

THE PERNAMBUCANITY AT THE LIMITS OF THE URBAN AND DIGITAL

João Victor Silva CARVALHO²

Fernanda Correa Silveira GALLI³

RESUMO

Esta abordagem, filiada ao campo da Análise de Discurso Materialista, se debruça sobre processos de identificação/subjetivação do sujeito contemporâneo engendrado nos rituais ideológicos de funcionamento da rede e da cidade, a partir das condições de produção e circulação do estado de pandemia desencadeado pela Covid-19. Tomamos como material de análise recortes de distintos desfiles do bloco carnavalesco *Homem da Meia-Noite*, para refletir sobre as contingências e os excessos na/pela relação entre sujeito e cultura de modo a alargar a compreensão sobre a *Pernambucanidade* e os afetos que atravessam o corpo. De nosso percurso analítico, resgatamos a contradição que é constitutiva do sujeito e de sua inscrição nas materialidades, e produz pelo entrecruzamento do social com o digital, efeitos de sentido que enlaçam o político-ideológico em nossas práticas.

PALAVRAS-CHAVE

pernambucanidade; espaço urbano; espaço digital.

¹ A primeira versão desta proposta foi apresentada durante o X Seminário de Estudos em Análise do Discurso, na Sessão Coordenada IV: Discurso, Corpo e Arte, realizado em outubro de 2021. O trabalho coloca em circulação parte dos materiais analisados na pesquisa IC *Pernambucanidade(s) em discurso: ressignificações na web e na cidade*, realizada de 2019 a 2021, no NEPLEV (UFPE), com fomento do CNPq.

² Mestrando em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: <joao.victorletras@gmail.com>.

³ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: <fernanda.galli@ufpe.br>.





ABSTRACT

This approach, affiliated to the field of Materialist Discourse Analysis, focuses on processes of identification/subjectivation of the contemporary subject engendered in the ideological rituals of operation of the network and the city, from the conditions of production and circulation of the state of pandemic triggered by Covid-19. We take as analytical material clippings of different parades of the carnival block Homem da Meia Noite, to reflect on the contingencies and excesses in/by the relationship between subject and culture in order to broaden the understanding about Pernambucanity and the affections that cross the body. From our analytical path, we rescue the contradiction that is constitutive of the subject and its inscription in the materialities, and produced by the intersection of the social with the digital, effects of meaning that bind the political-ideological in our practices.

KEYWORDS

pernambucanity; urban space; digital space.

E quando a festa ia se aproximando, como explicar a agitação íntima que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

(Restos de Carnaval, Clarice Lispector)

INTRODUÇÃO

A arte provoca, desloca, suspende e dá vazão ao incompreensível e ao intocável. Faz da linguagem não apenas um canal, um meio de expressão, mas o picadeiro da disrupção e da diferença. O corpo, por outro lado, é espaço de existência material, estrutura-alicerce, lugar de subjetivação e ocupação. Matéria que sofre os efeitos da história e da política. As palavras de Clarice nos provocam nessa direção: nos Restos de Carnaval, entre temporalidades heterogêneas, borrões de/da memória e sensibilidades sinestésicas, a personagem rememora o modo como a festa e sua explosão a



constituem, mesmo que na angústia, na falta, no desejo: “Naquele carnaval, pois, pela primeira vez na vida eu teria o que sempre quisera: ia ser outra que não eu mesma.” (LISPECTOR, 1999, p.63-64). O carnaval emerge na trama vivida pela personagem como o lugar do possível, experiência do extraordinário, acontecimento que faz (re)significar sua própria vida, parte de um percurso de subjetividade.

É nesta direção que esquadrimos alguns recortes, que tateamos o espaço teórico e produzimos gestos de interpretação que de alguma forma deram vazão a nossa própria angústia, num ano sem o agito das ruas, sem o som dos tambores e o rasgar do frevo improvisado. Na elaboração de gestos que se desdobram no *ver, olhar, reparar pelo digital* (GALLI, 2020), somos afetados pelo luto e pelo desejo, mas somos também despertos e apartados por um real latente, que, no dizer de Pêcheux (2015a) não pode ser “descoberto”, mas com o qual somos confrontados diariamente. A contrapelo, no presente artigo, investimos esforços sobre materialidades discursivas que possibilitaram a deriva do sujeito da pernambucanidade para outras posições, outros percursos. Buscamos de algum modo dar sentido a nossas práticas de pesquisa no grande *nonsenses* instaurado pela pandemia.

Nosso olhar foi levado para a materialidade do corpo, visualizada pelos enquadres do olhar na tela, sua relação com o espaço urbano, e ressignificada pela impossibilidade sanitária de frequentá-lo. Para tanto, nos perguntamos: (i) quais afetos que são contingenciados no curso do processo de identificação do desfile?; (ii) de que modo as condições de produção pandêmicas produzem silenciamentos na relação do sujeito com a FD da *Pernambucanidade*?; (iii) o que nos diz a presença digital e a ausência dos corpos na *live* do bloco carnavalesco?; (iv) quais sentidos (desejantes) se busca suprir no



entrecruzamento do social com o digital? A fim de responder de algum modo nossas questões de pesquisa, organizamos o texto da seguinte maneira: Um primeiro momento de retomada teórica, sustentado por conceitos e noções da Análise de Discurso de vertente pecheuxtiana (doravante AD); sucedido por questões que nortearam a metodologia; Um tópico analítico disposto em três tempos, debruçando-se sobre um corpus constituído por recortes de desfiles do Bloco Carnavalesco Homem da Meia-Noite realizados sob distintas condições de produção (2019 e 2021); E, por fim, um espaço para as considerações suscitadas de nossos exercícios analíticos.

RETOMANDO CONCEITOS

O ponto de partida neste bloco teórico está numa assertiva basilar: em AD, mais do que a organização e descrição de frases e enunciados de uma língua, ou das relações paratextuais e contextuais que possam ser explicitadas, importa chegar à dimensão da constituição mútua de sujeitos e sentidos, afetados pela história e pela ideologia. Para AD, concebe-se como discurso os “efeitos de sentido entre interlocutores” (PÊCHEUX, 2010), conceito recoberto por contradições e influências da formação de Pêcheux junto ao filósofo francês Louis Althusser.

Em Análise Automática do Discurso, obra de 1969, o termo discurso comparece como uma forma de desvio das teorias retóricas e enunciativas que dominavam os estudos da linguagem, mas também como um instrumento de crítica aos métodos desenvolvidos pela Psicologia Social que importava em *ipsis litteris* os métodos de leitura e interpretação de textos da Linguística Moderna. Amarrada a essas características está ainda o fato de que os corpora com os quais Pêcheux lidou inicialmente eram retirados da prática



política, de falas públicas, dando ao seu objeto teórico um carácter arrojado e disruptivo para a época. No entanto, em seu primeiro momento, carregava um forte apelo formal e estruturalista, o que, como uma maquinaria que daria conta de categorizar e explicitar a relação entre os fenômenos linguísticos e a prática social:

O processo de produção de um discurso Dx (no estado n) resulta da composição das condições de produção de Dx (no estado n) com um sistema linguístico L dado.

[...]

Todo processo de produção Δ^i_x , em composição com um determinado n das condições de produção de um discurso Dx induz uma transformação desse estado. (PÊCHEUX, 2010, p. 87, 91)

Posteriormente, as reflexões de Pêcheux passam por uma guinada como destaca Maldidier (2017) e assume a postura de que “as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam” (p. 33). O trabalho incessante de retorição, e o diálogo produtivo com outros pesquisadores, desloca a AD da posição de um aparelho formal, para a teoria de uma semântica discursiva de base materialista. Nesse ponto, retomamos a discussão feita por Pêcheux e Fuchs em texto de 1975, que não só define um quadro epistemológico para este campo do conhecimento, mas que busca também “reduzir a distância que separa a análise do discurso da teoria do discurso” (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 161). A enveredar-se pela *ideologia* como ponto de intersecção entre a história, a língua e a constituição do sujeito (um desdobramento das teses althusserianas) Pêcheux e Fuchs buscam trabalhar a desconstrução das muletas de uma teoria estritamente linguística do sentido por dentro de suas próprias bases, ao mesmo tempo que se distancia de concepções idealistas, assim, para os autores:



A região da ideologia deve ser caracterizada por uma materialidade específica articulada sobre a materialidade econômica: mais particularmente, o funcionamento da instância ideológica deve ser concebido como determinado em última instância pelas relações econômicas [e pelas forças de reprodução-transformação] das condições de produção. (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 162)

Por conseguinte,

É impossível identificar ideologia e discurso (o que seria uma concepção idealista da ideologia como esfera das ideias e dos discursos), mas que se deve conceber o discursivo como um dos aspectos materiais do que chamamos de materialidade ideológica. Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence ao gênero ideológico. (PÊCHEUX; FUCHS, 2010, p. 162)

As articulações balizadas por Pêcheux e Fuchs ainda na década de 70 constituíram um ponto fundamental para os desdobramentos da teoria discursiva, colocando lado a lado a materialidade da língua e o trabalho da história, dos processos de produção de sentido. Esse objeto, agora o ponto fulcral da teoria que o dá corpo, desestabiliza principalmente as formas de leitura cristalizadas e hegemônicas, sustentadas pela sedimentação e repetição que trabalham nos/pelos Aparelhos Ideológicos de Estado (ALTHUSSER, 1970); e nessa esteira de reflexão, o noção de discurso se marca como um importante acontecimento no interior das Ciências da Linguagem, pois encaminha uma forma de intervenção/escape dos modelos gerativistas e pragmáticos ao passo que não abre mão de uma forte teorização sobre os funcionamentos das línguas naturais, dos processos sintáticos e das autonomias do sistema linguístico.

Por fim, já numa fase de guinada em sua teoria, Pêcheux retorna seu olhar para os diferentes modos de materialização dos discursos, pelo



mover-se de diferentes objetos de linguagem num mesmo domínio, ou do contrário, o mesmo objeto de linguagem encontrando espaço nos diferentes domínios. Essa dialética, fluxo constante e vertiginoso que começava a mover o pensamento ocidental nas últimas décadas do século XX, a partir da inovação da comunicação e por mídias e das novas formas de trabalho, exploração e consumo. Nessa

conjuntura, a guinada da AD estava na direção de ter a discursividade como estrutura e acontecimento (PÊCHEUX, 2015a), marcando

a possibilidade de desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos [de memória]. E é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que ela constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho [inconsciente] de deslocamento no seu espaço. (p. 56)

Nesta perspectiva, os trabalhos empreendidos passaram a tomar a memória como um elemento estruturante das discursividades, aproximando-se das formas discursivas mais cotidianas e menos institucionalizadas, àquelas que estão no boca a boca das ruas, no campo publicitário, nas práticas do jornalismo, nos dizeres do professor. Uma vez que na discursividade se marca “uma pluralidade de filiações históricas através de palavras, das imagens, das narrativas, dos discursos, dos textos etc” (p. 54), os trabalhos que mobilizam a categoria *discurso*, devem perceber a historicidade, enquanto exterioridade constitutiva; e o furo da linguagem, como o inacabamento e possibilidade de outros sentidos, sendo essa uma articulação que dá condição à interpretação.

Um outro ponto de ancoragem teórica para quem assume a interlocução com a AD está na discussão de Eni Orlandi (2012), na qual a *discursividade*



emerge como efeito do encontro tenso entre o simbólico e o político. A partir desta teorização, o quadro teórico da teoria pode trabalhar seu objeto em três momentos (in)distintos de seus processos de produção:

1. Sua constituição, a partir da memória do dizer, fazendo intervir o contexto histórico-ideológico mais amplo;
2. Sua formulação, em condições de produção e circunstâncias de enunciação específicas e
3. Sua circulação que se dá em certa conjuntura e segundo certas condições. (ORLANDI, 2012, p. 9)

Retomamos a reflexão de Orlandi por compreender que na contemporaneidade, pensar no discurso como objeto de pesquisa, de inquietação intelectual demanda de formas cada vez mais atentas de entrada analítica. No primeiro momento, da *constituição*, refere-se ao eixo do interdiscurso (PÊCHEUX, 2014) no qual os sentidos acumulam-se, são sedimentados e desorganizam-se como matéria significativa em estado bruto. Uma região do dizer que remete à saturação, em que “algo fala sempre antes, em outro lugar e independentemente” (p. 149) a partir de “leis de desigualdade-contradição-subordinação” (op. cit). O segundo momento, da *formulação*, aponta para o eixo intradiscursiva, que produz um efeito de linearidade, os sentidos vão se articulando, sintagmatizando-se na forma de saberes anteriores, o que produz no sujeito a evidência daquilo que “eu digo agora, com relação ao que eu disse antes e ao que direi depois” p. 153) efeitos de correferência que constituem o fio do discurso “enquanto discurso de um sujeito” (op. cit.). Por fim, a circulação, como espaço de atualização do sentido, a partir das diferentes formas de textualização do discurso, numa relação com o sujeito que interpreta, que lê, a partir de sua posição-sujeito,



em determinadas condições históricas de produção da leitura (ORLANDI, 2012) e nessa perspectiva a circulação dos discursos deixa ver suas versões “direção, espaço significante, recorte do processo discursivo, gesto de interpretação, identificação do sujeito e do sentido. A variança é que institui a textualidade, as margens” (p. 13).

Tomando o trajeto de leitura acima apresentado, o discurso se marca como um construto teórico complexo, delimitando suas fronteiras com as seguintes especificidades: é um objeto teórico que pressupõe um processo (não é dado a priori) situado em determinadas condições de produção e a partir de um sujeito; tem forte relação com a ideologia, com a história e a língua; é estrutura e acontecimento numa dialética entre repetição e atualização; e por fim, deve ser considerado em suas instâncias de constituição, formulação e circulação. Assim, buscamos produzir gestos de interpretação de materialidades contemporâneas, as quais embaraçam as definições preconizadas para este objeto. Corpo, dança, imagens, fotografias, música, dígito, algoritmos... diferentes porções de matéria significante relacionando-se pela contradição, pelas margens e provocando diferentes efeitos de interpelação no sujeito.

A partir de nossas análises, procuramos explorar os limites da AD enquanto teoria, num momento em que o capitalismo neoliberal, a globalização, as novas tecnologias, os discursos digitais produzem ruídos, esvaziamentos, censura, interrupção nos processos de subjetivação, modos obtusos de experiência do espaço urbano, transgressão dos limites entre o público e o privado. Nesse vai e vem, assumimos a posição de quem percorreu os meandros da rede com a ansiedade de quem precisava estar na rua, ousando a (re)descoberta de alternativas para “compreender o espaço público como algo que se (re)organiza a todo instante em função dos sujeitos que circulam



e de que seus corpos são construídos e tomados mediante processos de deslocamentos e condensações de sentidos” (ZOPPI-FONTANA; BIZIAK; GALLI, 2020. p. 16)

SOBRE A CONSTRUÇÃO DO DISPOSITIVO ANALÍTICO

Reiterando os aspectos supracitados, a AD pode ser definida como um dispositivo de leitura/interpretação que oferece ao leitor caminhos possíveis, alternativas à leitura de conteúdo praticada na escola. Isto porque, enquanto teoria, a Análise do Discurso tem forjado conceitos e procedimentos que trabalham o funcionamento da linguagem, as relações de força e poder, não se colocando fora da história, do simbólico ou da ideologia, mas sim projetam posições deslocadas que permitem ao analista contemplar o processo de produção dos sentidos em suas condições de produção. Conforme Orlandi (2020, p. 81), o termo dispositivo tem a ver com “o reconhecimento da materialidade da linguagem, da sua não transparência e da necessidade de trabalhar sua espessura linguística e histórica”. Desse modo, a metáfora, o equívoco, as ambiguidades e contradições, a paráfrase e a polissemia estão na base do dispositivo discursivo.

Ao estabelecer uma “escuta discursiva” (ORLANDI, 2020) das materialidades, o analista constitui seu observatório, posição de entremeio na qual poderá “contemplar o movimento de interpretação/interpelação” (p. 86), e que não está “nem acima, nem além dos discursos ou da história, mas deslocado” (op. cit). Logo, a AD procura deslocar a posição do analista, fazendo-o reconhecer a emergência dos processos de identificação dos sujeitos, suas filiações com a memória.



Neste trabalho, apresentamos um dispositivo teórico/Analítico que organizado dos gestos de interpretação demandados pelas materialidade discursivas⁴, apontando para a imbricação de três noções:

- a) *A tomada do corpo como dispositivo de visualização do sujeito e da cultura*, tal como proposto por Leandro-Ferreira (2013): nosso olhar foi levado para a materialidade do corpo, visualizada pelos enquadres do olhar na tela, e assim alcançamos os atravessamentos discursivos que configuram a dinâmica identificação/subjetivação em desfiles do Bloco Carnavalesco Homem da Meia-Noite realizados sob distintas condições de produção⁵.
- b) A partir da relação do corpo com a cultura, emergência da *narratividade* (ORLANDI, 2017a). A Narratividade, nas palavras da autora diz de uma “maneira pela qual uma memória se diz em processos identitários, apoiados em modos de individuação do sujeito, afirmando/vinculando seu pertencimento a espaços de interpretação determinados, consoantes a específicas práticas discursivas” (p. 78).
- c) Assim, tomamos a narratividade também como um modo de *afetar-se*, não apenas no sentido amoroso, fraterno, mas numa acepção em afeto é deixar-se tocar (LAGAZZI; MEDEIROS, 2019) pela potência e pelo desejo dos corpos em movimento em seus trajetos de subjetivação.

⁴ Compreendemos como materialidade discursiva toda e qualquer forma de textualização do discurso; objetos simbólicos que resultam da inscrição do sujeito de linguagem na história, tal como discutido em Orlandi (2015).

⁵ A escolha dos diferentes desfiles desdobra-se como um efeito da Pandemia em nossa posição de pesquisador, pela necessidade de compreender os efeitos que tais condições de produção impuseram aos sujeitos.



Em nossos gestos, no confronto com os materiais de análise, nos apoiamos em Lagazzi (2009) e sua reflexão sobre a relação entre as diferentes linguagens sob o prisma da contradição, composições que “trabalham na incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais” (p. 69). Neste ensejo, a contradição funciona nas demandas constantes que fazem mover os sentidos para outras direções, a não-saturação como espaço de interpretação, de abertura para a polissemia. A partir dessas considerações, apresentamos um exercício analítico que miram a(s) *pernambucanidade(s)* em constante (re)formulação, através de gestos de leitura nas/pelas redes sociais, pela difusão e convergência daquilo que

é da esfera do digital e do não-digital, entre o que é do saber-fazer científico e do não-científico, entre o que se pode/deve discursivizar e o que é silenciado, e que fazem pensar cotidianamente tanto na circulação de discursos em/nas redes (sociais, de sentidos, de sujeitos), quanto no funcionamento da memória e nos efeitos de resistência possíveis no/pelo espaço digital da internet. (GALLI, 2020)

ESTRUTURANDO AS ANÁLISES: UM GESTO EM TRÊS MOMENTOS

1º momento: da saída em tempos de alegria

Nossa primeira investidura se dá sobre recortes⁶ feitos da transmissão televisionada do Desfile do Homem da Meia-Noite no ano de 2019, e neste ensejo, “o gesto analítico de recortar visa ao funcionamento discursivo, buscando compreender o estabelecimento de relações significativas entre elementos significantes” (LAGAZZI, 2009, p. 67). Assim, procuramos *deslinerealizar* o na/olhar pela tela, indagando ao sujeito pelos caminhos

⁶ Os recortes foram feitos através do recurso “Captura de tela” do computador.



invisíveis que marcam os rituais de interpelação/subjetivação. Seguimos com o primeiro tempo.

Figura 1 — 1º grupo de recortes: transmissão da saída do Homem da Meia-Noite em 2019.



Fonte: <https://youtu.be/YGnjpohnuXo>.

A saída do Homem da Meia-Noite é um dos momentos mais aguardados pelos foliões no ciclo do Carnaval em Olinda/Recife. Acontece sempre à 00:00 na virada do Sábado de Zé Pereira para o Domingo de Carnaval, na sede do Bloco, localizada na Estrada do Bonsucesso, 132 nas ladeiras de Olinda. A personagem, que dá nome e imagem a um tradicional bloco, carrega o misticismo, o folclore e o sincretismo que caracteriza a cultura pernambucana urbana. Desfilar no/com o Homem da Meia-Noite, passar pelos becos, pelas ruas estreitas, pelas ladeiras, evoca as mandingas, os sussurros, os saberes



da noite, expressão legítima dos terreiros, da mestiçagem e da negritude que marcam/emergem no território urbano (FRANÇA, 2021).

O Calunga (ou a calunga, quando mulher) é um elemento do Candomblé Pernambucano, uma boneca de madeira, ricamente vestida que simboliza uma entidade ou rainha já morta e na sua ausência o Maracatu não sai. No entrecruzamento da fé com festa (da memória discursiva com a imagem e dessas com a subjetividade) o boneco gigante figura no imaginário popular através de lendas, cantigas e estórias que atravessam gerações. O personagem se constrói na fusão de histórias em torno do Exú Tranca-Ruas da Umbanda e do filme *O Ladrão da Meia-Noite*, personificando um “Don Juan tupiniquim” das ladeiras de Olinda”. Em sua indumentária se destacam o terno cravejado de lantejoulas e paetês, junto à cartola, todos na cor verde-esmeralda, o dente de ouro e um sorriso que pode ser descrito entre como a síntese das artimanhas das ruas históricas e sagradas da Cidade Alta e o ar galanteador e faceiro com que seduzia as damas.

O primeiro recorte nos mostra centenas de pessoas reunidas, na indistinção dos corpos que ocupam as ruas em festa à espera do Homem da Meia-Noite. Retomando a formulação anterior o Maracatu sairá, pois o Calunga está **presente**. Seu corpo-discurso diz de uma posição na cultura, no imaginário, e logo com a ideologia e produz efeitos nos corpos integrados da massa. Para Orlandi (2017b) “a significação do corpo não pode ser pensada sem materialidade do sujeito, numa relação a qual não podemos pensar a materialidade do sujeito sem pensar na sua relação com o corpo” (p. 83) e neste ensejo os corpos-foliões e o corpo-calunga são demandados pelas diferentes questões em nossa formação social,



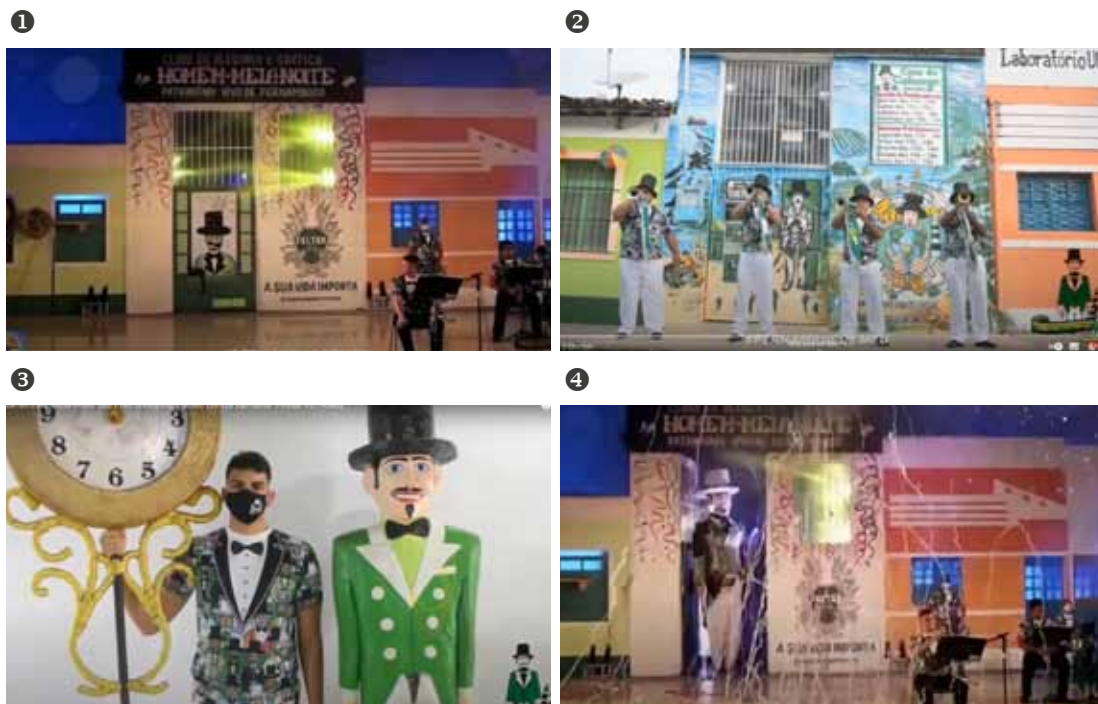
fazendo emergir diferentes posições-sujeito. Relação que tem ritmo ditado pelo frevo, mas sempre pelo político, que desemboca na sedimentação (pluralidade) de percursos de subjetivação.

O coro de vozes e gritos que antecedem a saída do boneco gigante é atravessado pelo dizer do repórter: “liberdade, igualdade, fraternidade, saúde e educação é o que os pernambucanos desejam para este ano de 2019”. A informação linearizada pelo pré-construído (PÊCHEUX, 2014) de que “no Brasil o ano só começa depois do carnaval” dá lugar para a contradição histórica que segmenta a Formação Discursiva (FD) da Pernambucanidade (CARVALHO, 2020): Há uma regularidade na repetição de dizeres que ligam a Pernambucanidade à Revolução Francesa. Porém, este efeito de sentido é encadeado ao desejo por saúde e educação, por direitos básicos que deveriam ser garantidos pelo Estado à população. Desejo por liberdade, igualdade e fraternidade e direito por saúde e educação. O fio do discurso e a imbricação de diferentes linguagens deixam ver a ausência do Estado, os problemas que flagelam o povo do morro. O Carnaval, como um percurso do sujeito pernambucano, é um acontecimento pelo qual se textualiza às reivindicações, um espaço de protesto e denúncia.

2º MOMENTO: DA SAÍDA EM TEMPOS DE NÃO ALEGRIA

Prosseguindo em nosso gesto de interpretação, voltamos agora para recortes feitos a partir da *live* oficial do bloco, transmitida em 14 de fevereiro de 2021, através do Youtube, para os espectadores-foliões que acompanharam o desfile em suas telas. Nosso principal objetivo é compreender de que modo a espessura material da *live* interpela o sujeito da *pernambucanidade*, produzindo efeitos outros de sentido. Acompanhemos.

Figura 2 — 2º grupo de recortes: saída oficial do Homem da Meia-noite 2021. Shopping Patteo, Carnaval Virtual



Fonte: <https://youtu.be/IgaxvtEC7WI>.

No escopo da teoria pecheutiana, o *acontecimento discursivo* diz respeito ao entrecruzamento de uma memória com uma atualidade, num espaço em que “o acontecimento (o fato novo, as cifras, as primeiras declarações) em seu contexto de atualidade e no espaço de memória que ele convoca e já começa a desorganizar fio do discurso” (PÊCHEUX, 2015a, p. 19). A partir das palavras do autor, podemos ler a pandemia desencadeada pelo coronavírus como um acontecimento que perturba o laço entre as práticas discursivas e sociais em suas dimensões mais profundas, desestabilizando sujeitos e sentidos.

A live, neste ensejo, é pensada enquanto modo de formulação de um discurso que se produz pelo entrecruzar de práticas, costumes e gestos do

sujeito dentro do laço social, por intermédio da cultura, sem, no entanto, agregar-se ao espaço urbano, que é por ela dissimulado/imitado no interior da materialidade digital que a constitui. Gallo, Pequeno e Silveira (2020), nos apontam que esta nova forma de “estarmos juntos” que se popularizou com a pandemia produzem um efeito de *presença/ausência* pelo qual “O espaço enunciativo não informatizado, do trio elétrico [e acrescentamos, da rua, da praça, do sítio histórico] está presente/ausente nesse espaço enunciativo informatizado, onde acontece a live, já que é a memória do palco [e, em nosso caso, a cidade cenográfica] que torna possível a interpretação da live” (p. 132).

No primeiro enquadre, início do vídeo, a fachada do prédio histórico das ruas de Olinda no qual funciona a sede do Homem da Meia-Noite é (re) apresentada através de uma cidade cenográfica. Na fachada, a contagem [*faltam 365 dias*] é atravessada por outro dizer: “A sua vida importa”. Materialidades significantes que, assim como os músicos, distantes do público e uns dos outros, dizem do tempo atual desta enunciação, da materialidade e dos efeitos da pandemia que separou o bloco da rua, que desagregou o laço entre os corpos.

Já no segundo enquadre, somos levados pelos sons dos clarins para a Estrada do Bonsucesso, casa de número 132, em frente à Igreja de Nossa Senhora dos Homens Pretos, endereço físico da morada de nosso calunga. Este movimento de metaforização do espaço físico na live é feito pela gravação (e não transmissão) dos músicos que tocam seus instrumentos no ritmo próprio do frevo que anuncia a saída do bloco. Como o sujeito é afetado nesta passagem do endereço físico para a representação cenográfica? Quais sentidos se perdem, se desencontram neste caminho? Para Dias (2018), pensar a cidade significada



e modificada pela ordem digital é pensar “o movimento dos sujeitos para além das vias destinadas ao deslocamento” (p. 99). E neste ensejo é que se produzem práticas discursivas outras, que falam de um outro lugar, deixando-se ver “*a capacidade dos sujeitos inventarem espaços de convivência apesar de situações que de alguma forma o isolam*” (p. 100). [grifo meu].

No terceiro enquadre, o rapaz está trajando uma máscara (a fantasia possível em tempos pandêmicos), e, ao seu lado, o inanimado boneco, desprovido do bonequeiro que o dá vida e sustento (integração do corpo-calunga ao corpo-folião/trabalhador do carnaval). O mesmo rapaz segura um relógio parado, sem ponteiros. Os olhos, àquilo que escapa do tecido das máscaras, significam pela tristeza e pelo desalento de foliões e trabalhadores. Tudo na imagem parece congelado, efeito pandêmico: a expressão do sujeito tamponada pela máscara, o relógio do qual foi surrupiada a função, até o calunga sem vida fora do corpo do bonequeiro. Índices da composição audiovisual que expressam uma tentativa de simbolizar as interdições do sujeito pernambucano em seus trajetos de memória. Pensamos a interdição, neste ponto da análise, a partir do que nos diz Orlandi sobre a *censura* (2007): este funcionamento discursivo no qual se “interdita a inscrição do sujeito em formações discursivas determinadas” (p. 76). Na reflexão desenvolvida sobre o silêncio, a autora discorre sobre o modo como na censura são proibidas ao sujeito a possibilidade de ocupar certas posições no discurso. Trazendo para nossa reflexão, temos pensado na pandemia interditando também os processos já sedimentados do sujeito no interior da formação discursiva da pernambucanidade. Não ir à rua, não estar na praça, não pular ao som do Maracatu, não cruzar a cidade. Uma série de efeitos que resvalam no modo como se dá a estruturação do nosso laço social



na medida em que “se estabelece um jogo de relações de força pelo qual ela configura, de forma localizada, o que do dizível, não deve (não pode) ser dito [e acrescento, o que do experienciável, não pode ser experienciado] pelo sujeito” (ORLANDI, 2007, p. 77).

No último recorte, somos levados de volta à cidade cenográfica construída no Shopping Patteo de Olinda. O boneco gigante é acompanhado por uma gravação que reproduz os gritos do público que, em circunstâncias não pandêmicas, estaria à sua espera: “E, fudeu, o calunga apareceu”, num brado que facilmente pode ser reconhecido também entre os torcedores dos times da capital pernambucana. Serpentinhas e confetes, os clarins de Momo tocando, luz, magia, encanto produzidos pelo jogo das lâmpadas multicoloridas e pelo gelo seco que metaforiza a neblina das Ladeiras de Olinda, mais uma vez o movimento do Homem da Meia-Noite se faz, desta vez, em frente às câmeras. Nesta rede de algoritmos, de visualizações, as *lives* se tornaram um grande espaço para a publicidade escancarada das empresas que patrocinam os espetáculos on-line. Mais uma vez, a lógica capitalista se sobrepõe às demandas do social e o bloco sai, mesmo que online, mesmo que no interior de um Shopping, mesmo que sem o público, sem o calor dos corpos.

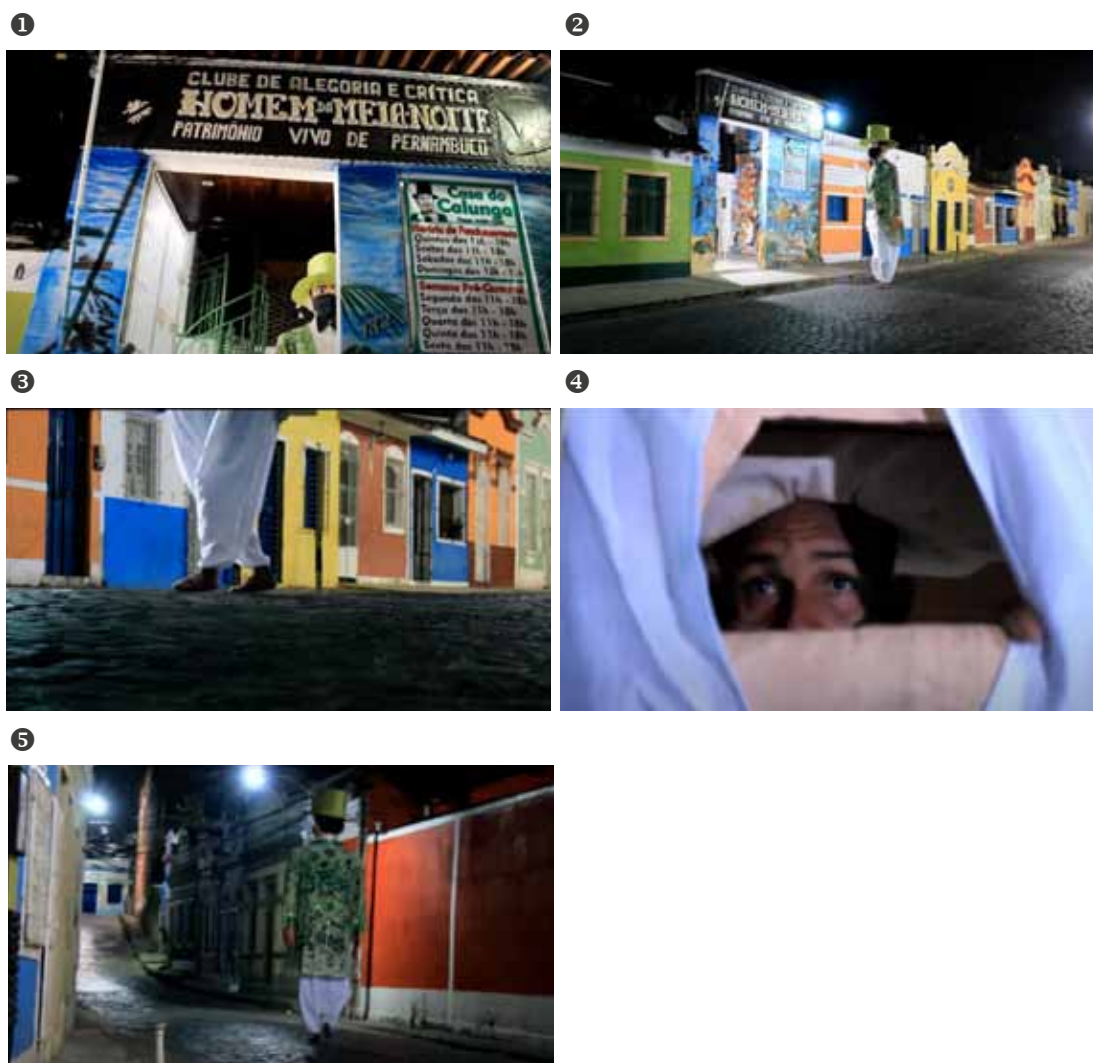
3º MOMENTO: OS ESTILHAÇOS DE UM CORAÇÃO CARNAVALESCO

Os recortes dos quais nos ocuparemos em nosso último movimento analítico foram feitos a partir do vídeo exibido na edição do Sábado de Carnaval do telejornal NE2 e que posteriormente foi disponibilizado no Youtube. Como afirma Lagazzi (2017, p.1), a composição fílmica (filmes, documentários, curtas-metragens, videoclipes etc.) jogam com a polissemia,



com a pluralidade de interpretações, uma que “palavras, enunciados, imagens, musicalidade, sons... se imbricam na contradição constitutiva do jogo entre diferentes materialidades significantes.” Nesta visada, pelos enquadramentos e cortes que compõem a estruturação simbólica particular do vídeo, se projetam os efeitos de sentidos nos ateremos agora.

Figura 3 — 3º grupo de recortes: saída oficial do Homem da Meia-noite 2021. Shopping Patteu, Carnaval Virtual



Fonte: <https://youtu.be/YOEQtDDYDgA>.



No primeiro quadro, voltamos para a sede do Homem da Meia Noite, na Estrada do Bonsucesso, porém desta vez o calunga já se apresenta mascarado, sozinho. Como se metaforiza a própria experiência do que se tornou sair de casa durante a pandemia. Ponto de mal-estar de um sujeito interrompido que produz feitos de solidão. Sujeito que se vê desconectado [para não dizer expulso, pensando na banalização da sobrevivência no país de hoje], sem vacinas, sem alternativas. Numa realidade em que “as próprias instituições sociais criadas pelos homens para os protegerem e os fazerem viver em bem-estar falharam” (LEANDRO-FERREIRA, 2019, p. 28).

Este é um ponto de retorno, da saída em tempos não pandêmicos, à live no Youtube, retornando agora deslocado, ressignificado pelas ausências. na torção de linguagem que funda os sujeitos (LEANDRO-FERREIRA, 2019), os rituais ideológicos de cultura trabalham incessantemente, produzindo pontos de fundação e ancoragem para a subjetividade. E desse modo a saída do bloco das ladeiras de Olinda, sozinho, abre para a deriva e nos faz perguntar: quais deslocamentos a saída solitária do calunga produz? O que nos diz sobre o sujeito da personalidade?

Em sequência, os olhos são guiados para os pés do trabalhador-folião que carrega o boneco. Gesto simbólico (PÊCHEUX, 2010) de dança, mas também do espólio do cotidiano sustentando em suas costas o peso de uma pandemia. A dança, como nos diz Orlandi (2017b) “não representa, mas significa” (p. 105), e o faz pelo fato de se dar no/pelo corpo do sujeito, corpo interpelado pela ideologia em que a dança como evento discursivo se inscreve nas fronteiras de uma formação discursiva. A FD da Pernambucanidade, atualizando seus modos de constituir os sujeitos se fragmenta, processo de identificação interrompido pelas condições sanitárias pandêmicas. Orlandi afirma “Pode-se



dançar a mesma música e dançar diferente. Diferentes processos que ligam sujeito e memória” (op. cit). E perguntamos, o que faz o sujeito quando não se pode dançar? A resposta vem na contradição do próximo quadro: o olhar marcante e angustiado do trabalhador-folião irrompe na tela, um corpo-olhar desconhecido (pela possibilidade ser qualquer um), um corpo-olhar no anônimo (revelado pela câmera, de alguém que não é visto), um corpo-olhar estranhamente familiar (significado pela história, recoberto de já-ditos).

Pelo Frevo somos guiados até o fim do último quadro, que mostra o boneco gigante em meio a rua vazia. A materialidade significativa do som (TRAJANO, 2017) produz o efeito-leitor de que de algum modo seja possível formular o inominável, o indescritível. A faixa que se imbrica aos passos do boneco tem como título Lágrimas de um folião, do compositor e musicista Maestro Spok. E pela imbricação e contradição *des-organiza* os efeitos de sentido na/da materialidade, significando “processos inconscientes e ideológicos constitutivos do sujeito” (id, p. 156). Os passos desajustados do Calunga, pouco lembram agora o seu andar altivo dos desfiles oficiais, da saída ovacionada, dos tempos de alegria. Mas, é também um gesto aguerrido e paradoxal de resiliência e contra, que de algum modo resiste aos silenciamentos sanitários e dá vazão à incoerência: estar nas ruas quando se deveria estar em casa. O corpo do boneco se entrega ao desejo, esbarra nas lágrimas embaladas por frevo que em outrora era rasgado e estridente, interpelado pela ideologia, individuado pelo Estado e identificando-se como corpo que dança.

ALGUNS EFEITOS DE FECHAMENTO

Dedicaremos as seguintes linhas à formalização de alguns aspectos teóricos dos quais lançamos mão no curso deste exercício analítico. Produzindo



assim (en)caminhamentos possíveis e deixando outros em aberto, uma vez que, na práxis do analista, é preciso tomar que toda descrição está suscetível ao equívoco, ao deslize (PÊCHEUX, 2015a). E nesta perspectiva, procuramos no decorrer desta abordagem, produzir uma escuta discursiva sobre materialidades que, pela complexidade de sua composição e funcionamento, fazem emergir os desejos, sentidos e afetos. Efeitos que trabalham na constituição do sujeito pernambucano circunscritos por determinadas condições de produção.

Retomando nossas questões de pesquisa e as entradas no material, emergem no curso do desfile do Homem da Meia-Noite processos de identificação do sujeito da *pernambucanidade* em que a subjetividade se entrecruza com o político, a política na ordem social: “liberdade, igualdade, fraternidade, saúde e educação é o que os pernambucanos desejam para este ano de 2019” circula como um grito de denúncia, o espaço urbano como espaço híbrido de luta e de festa. Nesse ensejo, a memória discursiva é lida a partir do que nos diz Pêcheux (2015b): “como a estruturação de materialidade discursiva complexa, estendida em uma dialética da repetição e da regularização” (p. 45-46), abrindo percursos de identificação para a singularidade, marcas da cultura e da ideologia. Por outro lado, na live, a espessura técnica da materialidade digital desloca o sujeito para outra temporalidade, outros percursos de sentido, de leitura e de autoria (GALLO; SILVEIRA; PEQUENO, 2020), mas não só: a live pressupõe a conexão, o acesso à rede, e nesse aspecto, há uma questão de natureza material importante de ser explicitada: nem todo sujeito da pernambucanidade o faz a partir da inscrição no espaço da internet, há dissimetrias, falha constitutiva no processo de individuação dos sujeitos pelo digital.

No entremeio do corpo (faltante) e da cultura (excesso), produz-se um espaço de heterogeneidade, dissonância, em que o desejo e incoerência



andam juntos: o trabalhador-folião espoliado performando na rua vazia um desejo de comunhão e ao mesmo tempo a necessidade de levar para casa o pão de cada dia, fardo de muitos trabalhadores do carnaval. Nesta esteira de reflexão, o corpo dançante constitui um objeto paradoxal (PÊCHEUX, 2015a) entre a liberdade e a coerção, interpelado pela ideologia, determinado pela FD da *Pernambucanidade* reiterando a cultura como modo de “fazer frente ao senso comum e servir como modo de resistência às formas modernas de assujeitamento” (LEANDRO-FERREIRA, 2019, p. 34).

Ao fim, através das análises, pudemos experienciar o urbano através do digital, efeito das contingências da pandemia na posição sujeito-pesquisador. Foi no/pelo digital que seguimos no fazendo pesquisa, em nossas aulas, entre o medo e a incerteza, mas também vibrando a cada nova experiência bem-sucedida, a cada encontro possível. A mexida tecnológica é responsável pela transformação nas instituições e organizações, na desorganização que permite uma reorganização no político-ideológico, na forma das lutas e demandas que mobilizam o sujeito a irem às ruas (DIAS, 2018, p. 110). E por isso, seguimos na luta, no movimento; atravessando uma pandemia ainda em (dis)curso pela saudade que nos atravessa, no querer sentir sempre (e mais uma vez) “A embriaguês do frevo/Que entra na cabeça/Depois toma o corpo/E acaba no pé” (CAPIBA).

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Os aparelhos Ideológicos de Estado**. 3 ed. Barcarena (PT): Presença, 1980.

DIAS, C.P.C. **Análise do discurso digital: Sujeito, espaço, memória e arquivo**. Campinas: Pontes, 2018.



CARVALHO, J. V. S. A Pernambucanidade no Diário: discurso, memória e ideologia. **Ao Pé da Letras** (UFPE - Online), v. 22, n. 1, p. 259-279, 2020.

FRANÇA, G. R. A. Esquivando Simetrias: Discursos de/sobre quilombos urbanos e produção de saberes. In: RIBEIRO, M. A. O.; ALMEIDA, L. S. (Org.). **Linguagem, Discurso e Cultura**. São Carlos: Pedro e João, 2020. p. 93-103.

GALLI, F.C.S Discurso, Memória, Resistência: Olhar, ver, reparar pelo digital. In **V Seminário de Estudos em Práticas de Linguagem e Espaço Virtual: Tensões entre o urbano e o digital: discursos, arte, política**. Maceió: UFAL, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/d--92Z5t5l0>. Acesso em: 07 jun. 2021.

GALLO, S.; SILVEIRA, J.; PEQUENO, V. Live: presença-ausência, corpo em isolamento.

Diálogos Pertinentes: Revista Científica de Letras, v. 16, p. 123-141, 2020.

LAGAZZI, S. M. O recorte significante na memória. In: INDURSKY, F.; LEANDRO FERREIRA, M. C.; MITTMAM, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009. p. 67-78.

LAGAZZI, S. M. Trajetos do sujeito na composição fílmica. In: FLORES, G.; GALLO, S.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N.; PFEIFFER, C.; ZOPPI-FONTANA, M. (org.). **Análise de discurso em rede: cultura e mídia**. Campinas: Pontes, 2017, v. 3, p. 23-39.

LEANDRO FERREIRA, M. C. O corpo como materialidade discursiva. **REDISCO**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

LEANDRO FERREIRA, M. C. O mal-estar do sujeito contemporâneo: político, cultura e arte. In: GRIGOLETTO, Evandra; DE NARDI, Fabiele Stockmans;



SOBRINHO, Helson Flávio da Silva. (Org.). **Sujeito, sentido, resistência:** entre a arte e o digital. Campinas: Pontes, 2019. p. 19-36.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio:** no movimento dos sentidos. 6. ed. Campinas: Ed Unicamp, 2007.

ORLANDI, E. P. Um corpo migrante. In: ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele:** discurso e real da história. Campinas: Pontes, 2017a.

ORLANDI, E. P. **Discurso em Análise:** sujeito, sentido, ideologia. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2017b.

ORLANDI, E. P. **Discurso e Texto:** formação e circulação dos sentidos. 4. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.

PÊCHEUX, M. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F.; HAK, T. (Orgs.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso:** Uma crítica à afirmação do óbvio. 5. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **Discurso:** estrutura ou acontecimento. 7. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015a.

PÊCHEUX, M. **Papel da memória.** in: ACHARD, Pierre et alii. Papel da memória. 4. ed. Campinas: Pontes, 2015b.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: retomadas e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

ZOPPI-FONTANA, M. G; BIZIAK J. S.; GALLI, F. C. S. Apresentação. In: GALLI, F. C. S.; BIZIAK, J. S.; ZOPPI-FONTANA, M. G. (Org.). **O não-**



sentido como espaço de (r)existências: processos de subjetivação na pandemia. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2020.

TRAJANO, R. M. A materialidade significativa da musicalidade: uma proposta de teorização, metodologia e análise discursiva. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, v. 55, p. 148-163, 2017.

PÊCHEUX, M. Análise de Discurso e Informática. In: PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux – textos escolhidos por Eni Orlandi**. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, M; FUCHS, C. A propósito da Análise Automática do Discurso: retomadas e perspectivas. In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). **Por uma análise automática do discurso: Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 2010.